

Música da televisão no cotidiano de crianças: um estudo de caso com um grupo de 9 e 10 anos de idade

Sílvia Nunes Ramos

Departamento de Pedagogia - Centro Universitário UNIVATES
blumentopf@ig.com.br

Resumo. O presente estudo investiga como modelos musicais televisivos se manifestam na expressão musical de crianças em fase inicial da escolarização. Tomando como referência as teorias sobre aprendizagem social e televisão (Brée, 1995; Ferrés, 1996, 2000; Lurçat, 1998; Morduchowicz, 2001), pedagogia crítica (Giroux, 1999; Giroux; McLaren, 1995) e sobre a educação musical no cotidiano (Souza, 2000), a pesquisa tem como questões centrais: o que as crianças aprendem de música com programas de televisão? Como interpretar essas experiências vividas pelas crianças? A coleta de dados foi realizada com um grupo de 12 crianças, de 9 e 10 anos, em uma escola pública de Porto Alegre (RS). O estudo contribui para uma visão diferenciada do papel da mídia no cotidiano de crianças e os processos de apropriação musical televisiva.

Palavras-chave: educação musical, aprendizagem social, televisão

Abstract. This study investigates how musical models from television manifest themselves in the musical expression of children in the initial stage of scholarship. Using as the theoretical framework the theories about social learning and television (Brée, 1995; Ferrés, 1996, 2000; Lurçat, 1998; Morduchowicz, 2001), critical pedagogy (Giroux, 1999; Giroux; McLaren, 1995) and music education in the everyday life (Souza, 2000), the research has the following core questions: regarding music, what do children learn from television programs? How to interpret these experiences lived by children? Data was gathered with a group of 12 children aged 9 to 10 years from a public school in Porto Alegre, Brazil. This study contributes to a differentiated view on media's role in children's everyday lives and the process of musical appropriation from television.

Keywords: music education, social learning, television

Introdução

A presença da televisão no cotidiano das crianças e sua influência nos processos de socialização são hoje intensamente discutidas. Nunca a televisão ocupou tanto espaço na vida das crianças, tornando-se uma fonte acessível de lazer e divertimento.

A aprendizagem da música presente na televisão não está distante desse cenário. É nele que surge a criança telespectadora cada vez mais habilitada a montar seu repertório, fragmentando a programação musical televisiva e colando dentro de si aquilo que lhe interessa.

O presente estudo investigou as relações de um grupo de doze crianças entre 9 e 10 anos com a música da televisão. O objetivo foi compreender como as crianças vivenciam e aprendem música através dos programas televisivos. A pergunta central foi: o que as crianças aprendem de música com programas de televisão? Para responder a essa questão, foi necessário apreender a relação que as crianças estabelecem com a música (O que pensam sobre música e que valores lhe atribuem?) e seus hábitos de consumo televisivo (A que assistem? Com que frequência? De que forma?).

O conceito de aprender nesta investigação incluiu não só aprendizagem de conteúdos, geralmente atribuída à escola, mas também suas competências emocionais e sociais, uma vez que a experiência televisiva considera os processos de impregnação cotidiana e a imitação, realizados no plano individual e no coletivo, normalmente no encontro com outras crianças em casa ou na escola.

A motivação para trabalhar esse tema veio com as reflexões que já fazia na minha prática docente, como professora de música nas séries iniciais. Afinal, por que as vozes das crianças estão tão ausentes das nossas discussões e decisões a respeito do seu ensinamento e aprendizado?

Participaram desta pesquisa 12 alunos de uma escola municipal, situada no bairro Restinga, em Porto Alegre (RS). A Restinga está localizada na zona sul e possui uma população de cerca de 150 mil habitantes, com uma renda média de 2,35 salários mínimos por chefe de família. Estima-se que 60% da população são crianças e adolescentes. Para a diretora da escola essa comunidade é "extremamente carente", enfrentando a exclusão social, o desemprego, a fome, a falta de moradia, saúde e recursos financeiros.

Este estudo trata, portanto, de um grupo de crianças que, apesar de serem sustentadas pelos pais e/ou responsáveis, não possuem uma situação financeira que permita ter uma formação complementar orientada em centros especializados. Nem tampouco permite que tenham seus quartos superequipados de aparelhos (*walkman*, rádio) e outros recursos midiáticos (revistas, *posters*, jornais). É uma infância que, apesar de tais adversidades, consegue manter um consumo midiático.

Com os atuais meios de comunicação as crianças estão em contato com a música nas mais diversas situações. Como Souza (2000, p. 176) alerta, "embora normalmente essa vivência não seja acompanhada de reflexão é extraordinário o potencial de uma aprendizagem musical efetiva que aí reside".

De acordo com Steinberg (1997, p. 101-102), "a educação ocorre numa variedade de locais sociais" denominados de "locais pedagógicos", tais como "bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc." Para Souza (2000, p. 53), "o objetivo dessa pedagogia é o fortalecimento das capacidades do aluno no manuseio de todos os tipos de meios eletrônicos e de comunicação, tendo por princípio a discussão sobre a experiência, e, não, a exclusão dela", pois, "em vez de serem simplesmente descartados, os produtos midiáticos devem ser questionados como um importante local de produção da cultura infantil".

Metodologia

A metodologia adotada na presente investigação foi o estudo de caso. Neste estudo a unidade de caso foi um grupo de doze crianças de 9 e 10 anos, matriculadas em uma escola do ensino municipal de Porto Alegre. O grupo foi considerado como um "sistema social" por suas características de pertencimento explicitadas ao longo de toda a dissertação. O grupo ficou assim constituído: Ana, Bia, Claudionei, Diane, Duca, Elisa, Joel, Jonas, Lisa, Micaela, Robert e Tamires.

Como técnicas de coletas de dados foram feitas observações diretas e 28 entrevistas durante o ano letivo de 2001. Os roteiros de entrevista buscavam, através das falas das crianças, um maior acesso e compreensão dos contextos familiares e escolares; os hábitos em relação à música fora da escola; hábitos em relação à TV; aprendizagem da música pela TV; acesso às alternativas lúdicas; as práticas midiáticas da família (jornais, revistas e a própria televisão).

Sobre os resultados

De acordo com Morduchowicz (2001, p. 65), os consumos culturais de crianças "adquirem significados muitos, diversos segundo o meio social a que pertencem". As crianças pertencentes a classes populares estabelecem uma relação particular com os meios de comunicação de tal forma, que esta "afeta seu vínculo com a cultura, com a escola e com o mundo e influi fortemente sobre sua percepção da realidade".

Essa perspectiva permitiu compreender os hábitos musicais das crianças entrevistadas, considerando o seu entorno familiar e sua situação socioeconômica. Hábitos como cantar, escutar, dançar e tocar vão se constituindo em peças importantes na socialização musical.

É absolutamente rotineiro as crianças ouvirem todo tipo de música nas pequenas ruas por onde caminham e brincam.

Até na rua de vez em quando as minhas amigas ficam dançando. Ontem mesmo era o dia das mães, e elas estavam dançando aqui, fazendo umas apresentações. Na minha rua todo mundo dança e canta. Até essa casa da esquina, na maioria das vezes, eles estão com o rádio ligado. Hoje é um milagre eles não estarem com o rádio ligado. E ali na casa da minha vizinha, também é um

milagre não estarem com o rádio ligado de manhã. Ela liga bem de manhã cedo quando acorda, só que ela espera a gente acordar, e depois ela liga pra não incomodar. Ela liga às 8 horas. (Ana).

As crianças aos poucos vão construindo seu repertório a partir de suas vivências musicais nos ambientes da família, na mídia e na escola. Através das questões sobre o que escutam e por que escutam desvendou-se um repertório predominantemente midiático. Como mostra este quadro:

Cantores e grupos citados / Músicas

Amado Batista
Araketo
Banda Eva
Belo
Bruno e Marrone;
 Dormi na praça
CD da turma da Mônica
CD do Chaves
Chitãozinho e Xororó
Claudinho e Buchecha
Daniel
Daniela Loján
 Amistad
É o Tcham
 Tcham no Havaí
Fafá de Belém
Garotos de Ouro
Igor e Maicon
Jonathan II
 Jonathan II

Cantores e grupos citados / Músicas

KLB
Leonardo
Mano Lima
Marlon e Maicon
Michael Jackson
Monteverde
Netinho
O Bonde do Tigrão
 O Baile Todo
 Cerol na Mão
 Tchu Tchuca
Os Travessos
Rafael e Goulart
Roberto Carlos
 Emoções
S The Boys
Sandy e Júnior
Só pra Contrariar
Tchê Garoto
Tchê Guri
Terra Samba

As preferências por grupos e cantores se definem a partir da compreensão das letras e das possibilidades de se agregarem a dança e o movimento.

Para as crianças, falar sobre música se baseia em suas próprias vivências musicais. Assim sendo, falar sobre música significa dizer ao colega as músicas que sabe cantar integralmente; as que não aprenderam; as que não gostam; as que têm letras comprometedoras; as que têm letras que não entendem, e, por último, letras que falam de temas próximos de sua realidade social. Escutar música significa aprendê-las com os cantores e grupos preferidos, aprender as que gostam e que, de alguma forma, falam de sua realidade, como mostra o trecho de uma entrevista:

Entrevistadora: *Gostas dessa música do Milton Nascimento?*

Duca: *Não. Eu acho que é de criança essa música.*

Entrevistadora: *E o que é uma música de criança?*

Duca: *Música de criança é que ... não sei como te dizer ... eu gosto de música que tem realidade mesmo.*

Entrevistadora: *O que é música que tem realidade?*

Duca: *Realidade pra mim é negócio de drogas, de popozuda.*

A televisão é praticamente o único meio de comunicação presente de uma forma sistemática no lazer das crianças entrevistadas. O acompanhamento da programação televisiva permite que elas falem com desenvoltura e desinibição sobre os seus programas favoritos. Os programas a que assis-

tem englobam uma variedade de gêneros disponíveis, especialmente na TV aberta. Entre eles estão os programas de auditório, as novelas das di-

versas emissoras, os desenhos animados e filmes, como mostra o seguinte quadro:

Programas de auditório	<i>Programa Sílvio Santos; Programa do Ratinho; Programa Raul Gil; Domingo Legal; Domingão do Faustão; Planeta Xuxa; Xuxa Park (extinto); É Show (c/ Adriane Galisteu); Canta e Dança (c/ Carla Peres)</i>
Programas com música	<i>Sabadão Sertanejo; Furacão 2001; Pampa Meio-Dia</i>
Novelas	<i>Roque Santeiro; Estrela Guia; A Padroeira; Um Anjo Caiu do Céu; Porto dos Milagres; Rosalinda; O Direito de Nascer; Carinha de Anjo; Pícaro Sonhadora; Gotinha de Amor; Café com Aroma de Mulher</i>
Desenhos animados	<i>Pokemón; Power Ranger; Tom & Jerry; Os Simpsons; Dragon Ball Z; O Pica-Pau</i>
Novelas infanto-juvenis	<i>Malhação</i>
Programas infanto-juvenis	<i>Sandy e Júnior; A Turma do Didi</i>
Programas de comédia	<i>Chaves; Clube do Chaves; A Grande Família; Um Maluco no Pedaco; Escolinha do Prof. Raimundo (c/ Chico Anísio) e outros</i>
Programas infantis	<i>Sítio do Pica-Pau Amarelo; Eliana e Alegria; Bambulúá (c/ Angélica)</i>
Programa religioso	<i>Paiva Neto; Despertar da Fé; Ponto de Luz</i>
Filmes infantis	<i>Willy, a baleia; Baby, o porquinho atrapalhado, e outros do gênero</i>
Programas de curiosidade	<i>Patrôla</i>
Programa policial adulto	<i>Linha Direta</i>
Cinema em casa	Filmes variados

A justificativa para ver televisão e saber da existência de tantos programas está na presença da música.

Entrevistadora: *Quais os programas que têm música?*

Jonas: *Na Pampa, que é a televisão, né? Também no canal 36 [TV COM], tem no canal 7 mas, não é o Bonde do Tigrão, não é nada ... mas têm uns cara que cantam tri bem.*

Entrevistadora: *Tu assistes a outros programas?*

Jonas: *Deixa eu ver quantos programas que têm música... seis programas que têm música, não, sete... oito.*

Entender os hábitos televisivos passa também pela questão do consumo, com especial atenção para a regularidade com que vêem TV, o que determina a frequência, o quanto e quando consomem.

Aprender música pela televisão se estabelece a partir da sistematização de audiência quando ligam a televisão em busca de programas de auditório, novelas e propagandas que possam trazer suas músicas preferidas.

Basicamente, a sistematização na audiência aos programas televisivos acontece através de cinco formas: a) escutar sempre os mesmos programas e cantores, procurando se inteirar das novas canções; b) assistir a novelas, integrando no repertório as músicas dos personagens, trilhas sonoras e músicas de línguas estrangeiras; c) assistir a *shows* e lançamentos das músicas; d) assistir a desenhos animados; e) buscar sistematicamente novas músicas.

Para Joel, o processo da repetição se constitui em estar sempre realizando passo a passo os momentos da dança e da música. O que vale na repetição é o binômio olhar-fazer. A frequência e a repetição se interligam, formando um procedimento único no aprender música. É o que revela um trecho da entrevista, no qual procurei simular a situação para obter uma descrição mais precisa:

Entrevistadora: *Olha aqui, vocês ligam a televisão...*

Joel: *Ligamos.*

Entrevistadora: *E ficam trocando de canal pra ver onde está dando música, se está dando música vocês param. Me conta como é que é essa história?*

Joel: *A gente não sabe onde tem música. Aí a gente bota no canal que tem música, daí a gente sabe a música já canta, se abala, se levanta do sofá, da cama, de qualquer coisa, começa a cantar, dançar, daí a gente se abala demais. Vai trocando até achar a música.*

Na seqüência da entrevista, perguntei:

Entrevistadora: *E o Jonas participa disso?*

Joel: *Participa. Se eu canto, ele canta também.*

Entrevistadora: *E o que vocês fazem na frente da televisão numa hora dessas?*

Joel: *A gente vê como eles fazem os passos do pezinho, da mão. Daí a gente já sabe os passinhos. Quando eles vêm de novo, a gente sabe os passos e imita eles.*

Entrevistadora: *Vocês fazem isso muitas vezes?*

Joel: *Faz.*

Entrevistadora: *Quantas vezes?*

Joel: *A gente faz bastante. Quando dá eles de novo, a gente começa a fazer. Quando dá outra vez, a gente sabe os passos e começa a dançar até aprender.*

Se ao longo da pesquisa tentava com minhas perguntas insistentes entender como fazem para aprender música pela televisão, foi durante a entrevista com Lisa que obtive uma das mais intrigantes respostas. Ela permaneceu surda para minhas perguntas, enquanto se voltava para a música que era executada na rádio da área coberta da escola. Talvez a menina quisesse me responder cantando, ao invés de fornecer respostas faladas, articuladas em frases e com reticências. Acreditou que cantando para mim junto com o rádio, eu pudesse entender que aprender música pelos meios de comunicação é uma questão de ouvir, cantar simultaneamente, sorrir enquanto canta e, no dia seguinte, repetir tudo novamente.

Outro procedimento utilizado para aprender as músicas é olhar pela televisão e tomar como modelo o jeito de o cantor dançar.

Entrevistadora: *E quando tu estás vendo pela televisão, como é que tu fazes pra aprender?*

Joel: *Eu vejo como é que eles fazem, como é que eles dançam. Não danço do jeito que eu quero, tem que ver como eles dançam direitinho, não dançar feito louco, daí sim a gente consegue... Daí a gente consegue ser cantor... a gente dança bem, canta bem, e daí sim, pode ser um cantor.*

A explicação dada por Joel parece indicar que esses são passos que também contribuem para uma pessoa aprender a dançar e, quem sabe, tornar-se um cantor, desejo esse de muitas crianças entrevistadas.

Elas buscam constantemente no cotidiano escolar relacionar-se com colegas que podem lhes ensinar música. O processo acontece, porém, em dimensões diferentes. Uma delas é televisual ou virtual. Aqui, o outro não pode ser tocado, apenas pode ser visto e ouvido. Na outra dimensão, o outro é observado durante um período maior de tempo na escola, e participa com mais freqüência daquilo que deve ser aprendido ou lembrado.

A relação que as crianças estabelecem entre os dois mundos, o escolar e o televisivo, está na formação de agrupamentos. Elas assim o fazem, pois ainda necessitam de referências ou modelos:

Entrevistadora: *Parece que tu gostas de cantar junto com o Joel e o Jonas.*

Duca: *Sim.*

Entrevistadora: *E por quê?*

Duca: *É que eu gosto de cantar porque eles sabem as músicas que eu sei cantar. Algumas não sei, só o Joel e o Jonas cantam essas músicas. Aí eles me ensinam. É que daí, sozinho, não consigo. Eu não fico com vontade de cantar. Só com alguém. Sozinho, não consigo.*

Para as crianças não existe um local específico para aprender. A relação da criança com a música estabelecida entre o mundo televisivo e o escolar está no próprio ato de querer aprender e como aprender. O local não define a relação, o que define é a música que está presente nesses dois mundos. Existe o mundo televisivo, que se constitui das interações entre a criança, a música e a televisão. No mundo escolar, as interações se estabelecem entre a criança, a música e outras crianças.

Entrevistadora: *A turma e a escola são importantes pra tu aprenderes essas canções?*

Ana: *São. Sem elas, professora, se a gente não tiver uma companhia, a gente nunca aprende, sempre tem alguém pra ajudar a gente.*

Entrevistadora: *Tu gostas então?*

Ana: *Gosto.*

Entrevistadora: *Aprendes lá em casa ...*

Ana: *Em qualquer lugar. Não tem lugar pra mim aprender... qualquer lugar.*

Conclusões

Ao descrever e interpretar as experiências vividas pela criança em relação à televisão e com os novos conhecimentos das pesquisas sobre os meios de comunicação, este estudo procurou contribuir para uma visão diferenciada do papel da

mídia no cotidiano de crianças e os processos de apropriação das ofertas musicais midiáticas. A minha expectativa é que o estudo motive educadores musicais a considerar as aprendizagens musicais midiáticas e que possam ocorrer mudanças significativas a partir da escuta das vozes das crianças, presentes neste trabalho. Estou convicta de que precisamos de formas criativas e abertas para pensar a música na vida das crianças e na escola.

Obviamente não se trata de substituir os conteúdos escolares por uma discussão sobre a atualidade, mas de construir com os alunos uma maneira de pensar e compreender o mundo em que vivem, a partir da análise das músicas de hoje, da maneira em que aparecem nos meios de comunicação, em relação estreita com os referenciais teóricos da educação musical. Tampouco se trata de levar as experiências televisivas para a sala de aula e transformá-la em um lugar de “terapia social” (Morduchowicz, 2001).

Considerar a cultura musical dos alunos, assumir as experiências televisivas e ir além dela de uma maneira crítica pode ajudar os profissionais da área a cruzar as fronteiras culturais, como sugere Giroux (1999).

Um projeto de ação pedagógica na escola Vila Castelo poderia ser um programa de formação continuada que envolvesse os professores e alunos da escola, buscando valorizar as suas experiências cotidianas, sua vida no bairro e seus consumos midiáticos. A proposta é conhecer, integrar e ressignificar seus saberes musicais, questionando o que os alunos aprendem dentro da escola e, não menos importante, fora da escola.

Por que as crianças da periferia de um grande centro urbano querem cantar as músicas da mídia, que falam de amor, de traição e abandono, e não querem saber das músicas veiculadas na escola? O que há de errado no ensino de música na escola Vila Castelo, uma vez que as crianças raramente evocam repertório transmitido por ela? Hilty (2001, p. 122) reivindica que “alguém assuma a responsabilidade de tornar o ensino excitante”. No ensino da música, o repertório musical escolar corre o risco de ser engolido pelo repertório musical midiático. Não se trata de fazer uma hierarquia entre o repertório musical escolar e repertório musical da mídia. Cabe aos pesquisadores e à comunidade escolar investigar o que provoca nas crianças as diferenças de gosto musical e o que se passa nessas duas instâncias de aprendizagem musical.

Referências

- GIROUX, H. A. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação*. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- GIROUX, H. A.; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 144-158.
- HILTY, E. B. De Vila Sésamo a Barney e seus amigos: a televisão como professora. In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Tradução George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 133-159.
- LURÇAT, L. *Tempos cativos: as crianças TV*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- MORDUCHOWICZ, R. *A mí la tele me enseña muchas cosas: la educación en medios para alumnos de sectores populares*. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- SOUZA, J. (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Música Mestrado e Doutorado, 2000.
- STEINBERG, Shirley. *Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In SILVA, L. H. da (Org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997. p. 98-145.